

**VERBOS PREFIXADOS COM A(D)-, EN- E ES-
EM PORTUGUÊS:
ESTRUTURA INTERNA E EXTERNA¹**

RUI ABEL PEREIRA

0.

Existe em português um conjunto de itens lexicais que, pela sua constituição interna particular, têm suscitado análises diversas quanto à natureza morfolexical dos seus constituintes e ao processo genolexical responsável pela sua formação. Os produtos genolexicais em causa são verbos em cuja estrutura interna se reconhece um prefixo (*a-*, *en-* ou *es-*), uma base/radical nominal ou adjectival, um constituinte temático/vogal temática (VT) *-a-*, que os inscreve num paradigma flexional (1ª Conjugação), e um morfema de infinitivo (*-r*)². Vejamos algumas das formações que são objecto da nossa análise:

Visualização simplificada da estrutura interna dos verbos	VERBOS DENOMINAIS OU DEADJECTIVAIS
a-Xb-ar	<i>abotoar, acalorar, aclarar, adensar, avermelhar, alongar, atapetar, aterrar, agravar, assustar...</i>
en-Xb-ar	<i>embelezar, encabeçar, encaixar, encerar, encabar, engarrafar, enlatar, enricar, engordar, entubar...</i>
es-Xb-ar	<i>esfriar, esquentar, esvaziar, esboroar, esburacar, esfarinhar, esfarelar, esventrar, esfarrapar...</i>

Estes verbos apresentam uma aparente constituição trimembre, o que tem potenciado várias hipóteses de interpretação do seu modo de

¹ Nesta comunicação, apresentam-se alguns dos resultados obtidos na investigação efectuada sobre a formação de verbos denominais e deadjectivais de estrutura *a-X-ar*, *en-X-ar* e *es-X-ar* em português (cf. PEREIRA, 2000).

² Por razões metodológicas faremos abstracção do domínio flexional.

construção: (i) *parassíntese* (Cunha e Cintra, 1994; Sandmann, 1989; Serrano Dolader, 1995; Basílio e Martins, 1996), (ii) *circunfixação* (Rio-Torto, 1994), (iii) *sufixação seguida de prefixação* (Scalise, 1984; Alcoba Rueda, 1987; Gràcia i Solé, 1995; Corbin, 1997), (iv) *conversão*, precedida ou seguida de adjunção do prefixo (Villalva, 1995 e 1998; Zwanenburg, 1998), e (v) *prefixação* com poderes heterocategoriais (Williams, 1981; Cabré i Castellví, 1988; Lieber, 1992; Grossmann, 1994)³. Qualquer das hipóteses propostas está claramente dependente do modelo de análise seguido e em particular do valor atribuído aos constituintes prefixal e temático em contexto derivacional: (i) a Vogal Temática (VT) é por alguns considerada um sufixo derivacional, mas não por outros; (ii) os prefixos *a-*, *en-*, *es-* envolvidos na produção de verbos como *aclarar*, *enlatar* e *esboroar* são considerados ora operadores isocategoriais que só se acoplam a bases verbais, ora afixos com poderes de (trans)categorização das bases nominais/adjectivais em verbos.

1. Constituintes morfolexicais

1.1. Vogal temática

A Vogal Temática (VT) é um constituinte consubstancial a todas as formas verbais regulares, tendo como principal função conformar o tema do verbo⁴, integrando-o num paradigma conjugacional. Não estando em causa o estatuto não flexional da VT, importa saber qual é a sua função em contexto derivacional. São duas as respostas que, a este respeito, têm sido aduzidas:

- (i) a VT é um operador derivacional com poderes de categorização, sendo por isso um verdadeiro **sufixo verbalizador**;
- (ii) a VT não é um sufixo derivacional, mas apenas um “**constituínte/actualizador temático**” ou “integrador paradigmático”, pelo que o acréscimo de *-a-* (ou *-e-*, quando precedido de *-ec-* ou *-esc-*) é uma mera consequência do facto de os verbos terem vogal temática em português.

³ Para uma análise detalhada destas hipóteses vejam-se, entre outros, RIO-TORTO (1998: 300-315) e PEREIRA (2000: 20-43).

⁴ É esta a posição defendida, entre outros, por Herculano de Carvalho: «Poderá depois, provavelmente, encarar-se como actualizador temático o morfema conhecido como vogal temática *-a-* em *louv-a-r*, *louv-a-mos*, etc. *-e-* e *-i-* em *receb-e-r*, *receb-e-mos*, *receb-i-mento*, etc. a qual se junta ao tema, precedendo um sufixo gramatical ou derivativo iniciado por fonema pré-silábico, possibilitando o funcionamento imediato desse segmento significativo na sua mesma qualidade de tema». (CARVALHO, 1984b: 538)

Embora se trate de um constituinte sinalizador de informação categorial relevante, e de frequentemente se encontrar na base de novos produtos deverbais (cf. $[[delimita]_{TV} \text{ ção}]_N$, $[[filtra]_{TV} \text{ gem}]_N$, $[[contenta]_{TV} \text{ mento}]_N$, $[[emociona]_{TV} \text{ nte}]_{Adj}$, etc.), isso não implica que a VT tenha um papel activo no processo derivacional. Pensamos que a emergência da VT é uma consequência da transfiguração que a base sofre ao recategorizar-se como verbo⁵. Não se trata, portanto, de um sufixo derivacional, mas sim de um «constituente/actualizador temático» responsável pela formatação morfológica do produto derivacional enquanto base da flexão ou de posteriores derivações⁶. A VT não integra, portanto, o produto derivacionalmente construído, mas é-lhe associada posteriormente no processo de formatação temática, pelo que o produto genlexical terá a configuração não de um tema, mas de um RADICAL verbal.

1.2. Prefixos *A(d)-*, *EN-* e *ES-*

Não sendo um sufixo derivacional, não é a VT a responsável pelo processo de transcategorização das bases nominais/adjectivais. No caso das formações em análise, defendemos que a alteração categorial é da responsabilidade dos prefixos *a-*, *en-* e *es-*. Esta posição assenta em quatro argumentos fundamentais:

- (i) não ocorrem, à direita da base, operadores sufixais que assegurem a alteração categorial;
- (ii) a vogal temática não é um afixo derivacional, pelo que não é ela a responsável pela alteração categorial das bases nominais/adjectivais em verbo;
- (iii) na maior parte dos casos não está atestada uma forma não prefixada (por ex. *clarar, *curtar, *vaziar) que sirva de base às formações prefixadas (*aclarar*, *encurtar*, *esvaziar*);
- (iv) a semântica manifestada pelos verbos derivados deixa transparecer uma relação semântico-categorial com uma base nominal ou adjectival e não com alguma forma homóloga não prefixada existente ou possível (cf. *aclarar*: ‘tornar claro’; *engarrafar*: ‘pôr em garrafa’; *esladroar*: ‘tirar/extrair os ladrões de’)⁷.

⁵ Esta hipótese foi já adiantada por RIO-TORTO (1998: 318).

⁶ Cf. RIO-TORTO (1998: 322). Sobre o estatuto da Vogal Temática e o seu funcionamento em contexto derivacional, vejam-se, entre outros, CARVALHO (1984a: 5-26), VILLALVA (2000: 118-121, 130-138, 195-196), PEREIRA (2000: 25-31).

⁷ Sobre a semântica destes verbos, veja-se PEREIRA (2000: 90-100).

Note-se, contudo, que em português coexistem formas prefixadas e não prefixadas com um significado semelhante formados sobre uma mesma base nominal/adjectival (cf. *parafusar/aparafusar*, *vermelhar/avermelhar/envermelhar*, *moldurar/emoldurar*), mas isso não implica que as formas não prefixadas sejam as bases derivantes donde se formaram os produtos prefixados⁸. Em primeiro lugar, embora os produtos prefixados e os não prefixados possam possuir um significado semelhante, isso não significa que eles sejam totalmente sinónimos e/ou tenham o mesmo grau de aceitabilidade e de vitalidade. Frequentemente, os produtos prefixados apresentam semânticas particulares e usos pragmático-enunciativos que os distinguem dos não prefixados (cf. *planar/aplanar*, *segurar/assegurar*, *testar/atestar*, *fixar/afixar*, *forçar/esforçar*) ou dos prefixados com operadores diferentes (cf. *enfarinhar/esfarinhar*, *avinagrar/envinagrar*, *enterrar/aterrar*). Por outro lado, nada impede que num mesmo paradigma genolexical possam actuar diversas operações morfológicas e ao serviço duma mesma operação morfológica possam actuar diversos afixos. Como nota Corbin⁹, processos e operadores morfológicos podem seleccionar no sentido da sua base (ainda que seja a mesma) diferentes tipos de propriedades semânticas. Por exemplo, em verbos como *avinagrar/envinagrar*, *acapoeirar/encapoeirar*, *agarrafar/engarrafar*, os prefixos *a-* e *en-* seleccionam nas bases diferentes traços semânticos. Em *agarrafar*, *acapoeirar* e *avinagrar*, as bases representam apenas a(s) característica(s) típica(s) e definitiva(s) dos objectos que denotam, e que pode(m) ser atribuída(s) a/ adquirida(s) por outra entidade; por sua vez, em *envinagrar*, *encapoeirar* e *engarrafar*, as bases são entendidas dentro da dicotomia ‘continente’/‘conteúdo’, representando ora o ‘objecto deslocado’, ora o ‘lugar/recipientes’ onde algo é colocado.

Em suma, na ausência de sufixos derivacionais que assegurem a verbalização, os prefixos sob escopo têm a capacidade de transformar bases nominais e adjectivais em verbos. Esta mesma posição é adoptada por Adouani, que considera que, em verbos do francês como *écrémer*, *écrêter*, *empocher*, *enterrer*, *encaisser*, *emprisonner*, «le préfixe à pouvoir catégoriel (qui doit être considéré ici comme l’élément tête puisqu’il détermine la catégorie du dérivé ainsi que ses

⁸ Para Alina Villalva, a existência destes conjuntos de produtos é indicador do carácter isocategorial e opcional/facultativo destes prefixos. (Cf. VILLALVA, 1995: 587-590)

⁹ Cf. CORBIN (2000: § 3.4).

autres traits morphosyntaxiques) assigne à sa base le rôle d'argument interne [...]»¹⁰. Assim, através da prefixação de *a-*, *en-* e *es-* a bases nominais e adjetivais forma-se um novo radical verbal, que é formatado morfologicamente com uma informação temática que o insere num paradigma conjugacional, a 1ª conjugação. Os novos produtos formados terão assim uma configuração do tipo [pref [X]_{N/Adj}] _V como a seguir se exemplifica:

alargar: [a [larg]_{Adj}] _V
engarrifar: [en [garraf]_N] _V
esfarinhar: [es [farinh]_N] _V.

1.3. Bases

A instanciação da prefixação com *a-*, *en-* e *es-* está sujeita a restrições de vária ordem (fonológicas, morfológicas, sintáticas e semântico-referenciais) que afectam os itens lexicais susceptíveis de funcionar como base derivacional.

A ocorrência destes prefixos é desde logo restringida pela estrutura morfo-fonológica da base, de tal modo que podemos predizer que, no português contemporâneo, apenas as bases iniciadas por consoante admitem estes tipos de prefixação. Pelo contrário, os prefixos em análise não se acoplam (i) a bases iniciadas por segmento vocálico, (ii) a bases já prefixadas e (iii) a bases já sufixadas em *-al*, *-ar*, *-vel*, *-dor*, *-ic-*, seleccionadas preferencialmente pelos sufixos verbalizadores *-iz-* e *-ific-* (cf. *nacionalizar*, *regularizar*, *contabilizar*, *computadorizar*, *aromatizar*, *electrificar*, *identificar*, *rustificar*).

Ao nível sintáctico, embora existam alguns casos isolados/marginais de verbos formados a partir de bases pronominais, adverbiais ou onomatopaicas, a maioria dos verbos formados por meio dos prefixos *a-*, *en-* e *es-* tem como base de derivação o radical de um substantivo ou um adjetivo perfeitamente identificáveis (cf. *a-clar-ar*, *en-curt-ar*, *es-fri-ar*, *a-terr-ar*, *en-lat-ar*, *es-farel-ar*).

Do ponto de vista semântico, salientam-se em particular as restrições impostas pelos prefixos sob escopo às bases adjetivais a que se acoplam. Apenas os adjetivos que descrevem propriedades ocasionais (*stage-level adjectives*), i.e., adjetivos que descrevem propriedades de entidades que podem ser mudadas por uma causa, como as suas características físicas, a cor ou a temperatura (cf. *acastanhar*, *aclarar*, *emporcar*, *esvaziar*, *esquentar*), podem

¹⁰ ADOUANI (1995: 8). Também Williams considera que, em inglês, formas verbais derivadas do tipo de *enoble* apresentam uma estrutura em que o núcleo é o elemento prefixal (cf. WILLIAMS, 1981: 245-274).

funcionar como base derivacional destes verbos. Pelo contrário, a possibilidade de formação verbal está vedada a *adjectivos relacionais* (**aministerialar*, **empopularar*, **esnacionalar*) e a *adjectivos individual-level*, i.e., a *adjectivos* que designam propriedades essenciais tipicamente não adquiríveis como um resultado de uma causa¹¹.

2. ESTRUTURA EXTERNA DOS PRODUTOS GENOLEXICAIS

O sector da formação de palavras não se ocupa apenas da estrutura interna das palavras, mas avalia também os efeitos dos processos morfológicos na estrutura externa dos produtos formados, ou seja, na configuração semântica, na sua valência sintáctica/estrutura argumental e na sua estrutura aspectual¹². Ao nível da formação de verbos, o conhecimento da configuração morfo-semântico-sintáctico-aspectual dos produtos genolexicais adquire uma importância fundamental, sendo muitas vezes nestes níveis de análise que a diferenciação entre os processos derivacionais e/ou entre operadores afixais é mais evidente.

No seguimento de Zubizarreta (1987), Rappaport, Levin e Laughren (1988), e Hale e Keyser (1993), postulamos que a representação lexical dos verbos contém, para além da informação morfo-fonológica, pelo menos os seguintes dois níveis relacionados: a *Estrutura Semântico-Conceptual* (ESC) e a *Estrutura Argumental* (EA). Por exemplo, a informação lexical de um verbo como *aclarar* pode ser representada do seguinte modo:

- (1) *aclarar*, V
 ESC: [*x* CAUSA [*y* TORNAR-SE ADJ.(*claro*)]]
 EA: *x*, *y*

A ESC descreve a estrutura semântico-conceptual lexical do verbo, i.e., o tipo específico de evento expresso pelo verbo. Ao nível da ESC, descreve-se que *aclarar* denota um evento causativo onde intervêm dois participantes, sendo um deles (*x*) a entidade causadora que desencadeia uma mudança de estado e o outro (*y*) a entidade afectada. Ao nível da EA, descreve-se (i) o número de argumentos que

¹¹ Cf. LEVIN & RAPPAPORT HOVAV (1994: 51). Sobre a distinção entre *adjectivos stage-level* e *individual-level*, veja-se PUSTEJOVSKY (1998: 15, 20-23).

¹² Segundo G. Booij, «Traditionally, morphology deals primarily with the internal structure of complex words, the internal syntax of words. However, morphological theory also has to account for the effects of morphological processes on the syntactic valency of the words they create, the so-called external syntax of words». (BOOIJ, 1992: 47).

devem ser realizados sintacticamente, expressos através das variáveis x e y , e (ii) o seu modo de realização sintáctica: a variável sublinhada ($\underline{x}$) é o argumento externo, para ser realizado como Sujeito, sendo o outro argumento (y) o argumento interno, realizado como Complemento Directo.

2.1. ESTRUTURA SEMÂNTICA

Os verbos deadjectivais ou denominais prefixados com *a-*, *en-* *es-* indicam que se produz uma mudança de estado ou de lugar de um objecto, mudança essa que é causada por um sujeito. Naturalmente, a expressão completa do esquema semântico accionado implica necessariamente um sujeito causador da mudança e um objecto que sofre a mudança, o que pode ser sintetizado do seguinte modo:

[X_{sujeito} CAUSA UM PROCESSO SOBRE Y_{objecto}]

O efeito semântico decorrente do processo de formação de verbos deste tipo é um efeito de *causativização*, pelo que os verbos derivados por prefixação heterocategorial expressam processos de tipo *causativo*, i.e., exprimem uma acção pela qual uma entidade x CAUSA uma mudança no estado ou na localização duma outra entidade y . Consideramos, por isso, que estes produtos genolexicais fazem parte duma classe semântica homogénea a que poderemos dar o nome de VERBOS CAUSATIVOS DE MUDANÇA, que, por sua vez, engloba duas sub-classes distintas: os VERBOS DE MUDANÇA DE LUGAR e os VERBOS DE MUDANÇA DE ESTADO. A determinação/selecção do tipo de mudança processada, de lugar ou de estado, dependerá sobretudo da especificação categorial (N ou ADJ) e da semântica da base, uma vez que o prefixo potencia tanto uma leitura como outra. Os verbos prefixados sobre bases adjectivais (V_{DEA}) exprimem uma mudança de estado parafraseável por ‘TORNAR (MAIS) Ab’ ou ‘TRANSFORMAR EM Ab’, designando os adjectivos de base o *estado resultativo* da mudança instanciada pelo verbo. Por sua vez, os verbos denominais (V_{DEN}) prefixados apresentam uma gama mais variada de significações, que se podem subsumir numa única mais geral do tipo ‘FAZER ALGO EM RELAÇÃO A Nb’, designando Nb a base nominal¹³. Os verbos denominais descrevem geralmente uma acção típica sugerida por Nb, e, conseqüentemente, sendo conhecido o tipo de

¹³ Cf. BASÍLIO e MARTINS (1996: 386).

entidade designado pela base nominal, certas generalizações são possíveis, fundadas em critérios semântico-referenciais.

- (i) Se Nb = nome contável $\rightarrow V_{DEN}$ = meter/tirar Nb em/de (*atapetar, encabar, estinhar*)
- (ii) Se Nb = lugar $\rightarrow V_{DEN}$ = meter/tirar qualquer coisa em/de Nb (*aprisionar, ensacar, espipar*)
- (iii) Se Nb = instrumento típico $\rightarrow V_{DEN}$ = utilizar esse instrumento (*apunhalar, aplainar, esfoiçar*)
- (iv) Se Nb = objecto com propriedade(s) típica(s) $\rightarrow V_{DEN}$ = dotar algo com essa(s) propriedade(s) (*atabernar, empastelar, esfarrapar*)
- (v) Se Nb = estado psicológico $\rightarrow V_{DEN}$ = causar/adquirir esse estado (*afeiçoar-se, encorajar*)

Embora a estrutura morfológica potencie algumas previsões acerca do produto verbal, devemos notar que essas previsões são sempre relativas. O valor semântico de qualquer palavra formada deriva não só da semântica dos seus constituintes (afixos e bases), mas também de outros factores, como a semântica do co(n)texto discursivo. O co(n)texto enunciativo em que ocorre um produto derivacional pode afectar o sentido composicional e orientar a interpretação dos produtos (cf. 2a-b).

- (2) a. *embainhar* – prover de bainha (por ex. as calças)
– meter na bainha (por ex. a espada)
- b. *aquartelar* – alojar em quartel
– dividir em quartéis (medida)
- c. *acanelar* – dar cor de canela a
– polvilhar com canela
– dar na canela
- d. *arrendar* – dar renda (rendimento) a
– guarnecer de renda (tecido)
– dar renda (rédea) a

Como podemos notar, certos verbos derivados apresentam vários significados associados e, como tal, várias interpretações são possíveis, embora apenas uma seja de facto efectivada numa dada situação de uso. Nestas situações, os argumentos frásicos do verbo derivado podem precisar o seu significado efectivo, embora por vezes lhes atribuam também algumas significações marginais. Portanto, uma mesma estrutura morfológica pode estar associada a dois ou mais produtos homónimos, diferenciando-se estes pela(s) semântica(s) da(s) base(s), cuja especificação só o co(n)texto pode fornecer. Nestas

circunstâncias, o co(n)texto não anula a semântica construída dos itens lexicais, mas é capaz de orientar a sua interpretação.

A semântica tipicamente locativa dos prefixos envolvidos (ADLATIVA em *a-*, ILATIVA em *en-* e ELATIVA em *es-*) contribui decisivamente para a semântica dos produtos derivacionais, pelo que não é de estranhar que, de todos os prefixados, os produtos que designam uma mudança de lugar sejam, de longe, os mais numerosos. Para além disso, é em verbos que denotam uma mudança causativa de lugar que o valor semântico dos prefixos em *a-*, *en-* e *es-* é mais evidente. O prefixo *es-* distingue-se facilmente dos restantes já que denota um processo com o sentido inverso dos significados por *a-* e *en-*¹⁴. Note-se, por exemplo, a oposição entre *enfarinhar* e *esfarinhar* (cf. 3):

- (3) a. *enfarinhar*: ‘pôr farinha em’
b. *esfarinhar*: ‘extrair, tirar farinha de’

Enfarinhar e *esfarinhar* são dois processos diferentes, denotando movimentos inversos. *Enfarinhar* significa ‘pôr farinha em’, enquanto *esfarinhar* significa ‘transformar em farinha’, com o sentido matricial de ‘extrair, tirar farinha de’, sendo o nome base (*farinha*) o objecto resultante do processo denotado pelo verbo.

Também a distinção entre os prefixos *a-* e *en-* é evidente em contexto locativo. Quando se trata de uma mudança de lugar, *a-* indica um ‘movimento de aproximação, para junto de’, enquanto *en-* implica um ‘movimento para dentro de’, designando a base nominal (Nb) um ‘lugar’ (cf. 4).

- (4) a. *aterrar*: ‘aproximar-se de terra’
b. *enterrar*: ‘pôr/meter na terra’

Assim, enquanto *aterrar* implica um movimento em direcção a, sem implicar entrada em Nb (*terra*), em *enterrar* existe igualmente um movimento em direcção a, mas implicando essencialmente a entrada no interior de Nb.

Semanticamente distintos, são os prefixos em análise que determinam a interpretação *ingressiva* ou *egressiva* dos verbos derivados: *a-* e *en-* são prototipicamente *ingressivos* (cf. *aterrar*, *enterrar*), enquanto *es-* é prototipicamente *egressivo* (cf. *estripar*, *esventrar*). Refira-se que as ESCs dos produtos genolexicais reflectem de algum modo esta distinção semântica. Os prefixos *a-* e *en-*

¹⁴ *Es-* utiliza-se quando queremos apresentar (i) um processo de mudança de lugar com o sentido de ‘extracção’, ‘tirar para fora de’, sendo a base aquilo que se tira/extrai, ou (ii) uma mudança de estado que envolve um “desfazer”, e cuja base é o produto dessa acção.

(cf. *aterrar*, *enlatar*, *ensaboar*) andam associados a ESCs de tipo [x CAUSAR [y ESTAR EM z]], enquanto os verbos prefixados com *es-* (cf. *espipar*, *esventrar*, *esladroar*) apresentam na maioria dos casos uma ESC de tipo [x CAUSAR [y NÃO ESTAR EM z]]. A oposição entre estas ESCs é, portanto, marcada prefixalmente. A semântica evidenciada pela base nominal determina, por sua vez, qual das variáveis, *y* ou *z*, é incorporada lexicalmente, e qual se manifesta como argumento interno do verbo derivado.

Em suma, como se pode notar, para a semântica final dos produtos contribuem de forma decisiva os prefixos. Nestas estruturas, os prefixos *a-*, *en-* e *es-* veiculam não apenas a noção de “MUDANÇA”, mas também a função CAUSATIVA, representando morfo-lexicalmente o predicado semântico CAUSAR¹⁵. Por outro lado, porque possuem semânticas diferenciadas e seleccionam diferentes traços semânticos nas bases, frequentemente, os prefixos introduzem especializações de ordem semântico-referencial, o que é visível, em especial, nos verbos formados sobre a mesma base lexical (*agarrar/engarrar*, *aterrar/enterrar*, *agarrar/esgarrar*, *enfarinhar/esfarinhar*)¹⁶.

2.2. ESTRUTURA SINTÁCTICO-ARGUMENTAL

Na formação de verbos causativos denominais e deadjectivais através dos prefixos *a-*, *en-* e *es-*, verifica-se que a estrutura argumental da palavra derivada é “gerada” pelas operações morfo-semânticas que acompanham este processo genolexical¹⁷. Analise-se para o efeito a composicionalidade do verbo *engarrar*.

(5) *engarrar*: V

ESC: [x CAUSA [y ESTAR EM z (*garrafa*)]]

EA: x, y

A Estrutura Semântico-Conceptual do verbo *engarrar* explicita que se trata de um evento causativo de mudança de localização de um objecto, onde intervêm três entidades: a entidade causadora do evento (*x*), a entidade ‘afectada’/‘deslocada’ (*y*), e a entidade que representa a localização final da mudança operada (*z*). No entanto, o processo derivacional, ao incorporar por «compactação» um dos argumentos –

¹⁵ A mesma estrutura morfológica é proposta por Di Sciullo para os verbos italianos em *a-N-are* (cf. DI SCIULLO, 1991: 257-290). Quando o verbo não tem prefixo causativo morfológico (cf. *amarelar*, *martelar*, *fragmentar*, etc.), considera-se que o verbo comporta um morfema causativo sem realização lexical.

¹⁶ Na opinião de CORBIN (2000: § 4.3.), a prefixação constrói sentidos mais concretos que a sufixação ou a conversão.

¹⁷ Cf. BOOIJ & VAN HAAFTEN (1988a: 102; 1988b: 42-43).

a base genolexical passa a constituir o radical do verbo derivado – provoca o ‘empobrecimento’ da estrutura de superfície do verbo¹⁸. Como refere R. Lieber, um dos principais efeitos da formação de verbos é que a «derivation may involve the closing off of an argument position in the LCS [Lexical Conceptual Structure] of a verb. Only open argument positions are realized in the syntax»¹⁹. Assim, os verbos gerados pelo processo de prefixação heterocategorial são tipicamente predicadores de dois lugares, como se nota em *x aclara y*, *x engarrafa y*, *x apunhala y*, etc. Os argumentos representados pelas variáveis *x* e *y* têm de ser realizados sintacticamente, constando na Estrutura Argumental (EA) dos respectivos verbos: a entidade causadora do evento é projectada como argumento externo do verbo derivado (*x*) e a entidade ‘afectada’ como seu argumento interno (*y*). O nome de base (*z*), ao ser incorporado morfolexicalmente no verbo derivado como seu radical, não é projectado em sintaxe. No entanto, um complemento preposicional facultativo pode substituí-lo e precisá-lo sob o ponto de vista semântico (cf. 6).

- (6) a. Ela adoçou o café *com açúcar*.
 b. Ela ensaboou a roupa *com sabão azul*.
 c. Ele enterrou o lenço *na praia*.

A partir da análise das EA dos verbos derivados podemos constatar que os verbos de adjectivais ou denominais prefixados são tipicamente predicadores *transitivos*, na medida em que a expressão completa do seu significado implica necessariamente um sujeito causador da mudança e um objecto que sofre a mudança. Contudo, estes verbos podem participar em alternâncias *causativas* vs *não causativas*, apresentando uma de três construções sintácticas:

- (i) $SN_1 + V + SN_2$
 (ii) $SN_1 + V$
 (iii) $SN_1 + V + -se$

Vejamos alguns exemplos:

- (7) a. O sol *avermelha* os tomates.
 b. Os tomates *avermelham* (pela acção do sol).
 c. Os tomates *avermelham-se* com o sol.
 (8) a. O cão *esfarrapou* a camisola.
 b. ? A camisola *esfarrapou*.
 c. A camisola *esfarrapou-se* com o uso.

¹⁸ Sobre os efeitos dos processos derivacionais na estrutura sintáctica dos verbos derivados, vejam-se, entre outros, WILLEMS (1979), BOGACKI (1988).

¹⁹ LIEBER (1997: 237).

Apesar de alguns verbos admitirem construções não causativas, podemos dizer que a transitividade é uma das características típicas dos verbos formados por prefixação heterocategorial. O normal é que estes verbos expressem um processo causativo e que, por sua vez, ofereçam a possibilidade de expressar processos *não causativos* mediante a pronominalização do verbo em questão (cf. *alargar-se*, *entortar-se*, *esquentar-se*, *esvaziar-se*, etc.). Em suma, a estrutura sintáctica destes verbos é previsivelmente transitiva, podendo esta ser alterada por processos sintácticos²⁰.

Em algumas situações, o português aproveita a diversidade de processos derivativos para marcar uma oposição entre *verbos transitivos* (verbos prefixados) e *verbos intransitivos* (verbos conversos). Embora não se trate de uma relação sistemática, a oposição *transitivo vs intransitivo* é, em alguns casos, marcada morfologicamente pela presença ou ausência dum prefixo. Existem vários pares de verbos formados com base no mesmo radical nominal ou adjectival, diferindo apenas no facto de um deles ser prefixado, que manifestam propriedades sintáctico-semânticas diferentes: o verbo não prefixado (*converso*) é geralmente intransitivo, enquanto o verbo prefixado homólogo é transitivo (cf. 9).

(9)	<i>vermelhar</i> _{intransit.}	/v/	<i>envermelhar</i> _{transit.}
	<i>planar</i> _{intransit.}	/v/	<i>aplanar</i> _{transit.}
	<i>farinhar</i> _{intransit.}	/v/	<i>enfarinhar</i> _{transit.}
	<i>ladroar</i> _{intransit.}	/v/	<i>esladroar</i> _{transit.}

Podemos dizer que, nestes casos, o prefixo funciona como marca distintiva de (in)transitividade.

²⁰ Alguns autores postulam a existência de uma «*regra ergativa*»/«*operação de destransitivização*»/«*ley de correlación*» que explica o uso não causativo de verbos causativos (cf. ROEPER (1988: 136-137), LEVIN & RAPPAPORT HOVAV (1994: 35-77), SERRANO DOLADER (1995: 94)).

2.3. ESTRUTURA ASPECTUAL

Ao nível da formação de palavras são frequentes as menções às relações de aspectualidade associadas à adjunção de determinados afixos²¹, associando-se tradicionalmente os prefixos *a-* e *en-* aos valores aspectuais ‘factitivo’ e ‘incoativo’ de verbos da primeira e segunda conjugações, e o prefixo *es-* a noções de ‘iteratividade’ e ‘intensidade’²².

As Estruturas Semântico-Conceptuais (ESC) apresentadas contêm certas informações semânticas que poderão ser tomadas numa classificação de tipo aspectual. Na verdade, quando se afirma que os significados de *aclarar* e de *engarrafar* podem ser descritos como [x CAUSAR [y TORNAR-SE z (claro)]] e [x CAUSAR [y ESTAR EM z (garrafa)]], estamos a analisar estes verbos como ‘VERBOS DE EVENTO’, uma vez que designam, respectivamente, uma mudança no estado e na posição de um dado objecto, sendo que *z* especifica o estado/localização final desse objecto.

Quer os verbos de mudança de estado quer os verbos de mudança de lugar codificam lexicalmente ou implicam logicamente um ponto terminal ou inicial que delimita o evento. Também neste aspecto, os prefixos *a-*, *en-* e *es-* desempenham um papel fundamental, determinando a *polaridade aspectual*²³ dos verbos derivados. Os verbos deadjectivais são todos de polaridade final, uma vez que todos eles focalizam o estado final (E_f) dos objectos, independentemente do prefixo envolvido. Nos verbos denominais, a polaridade final ou inicial depende do prefixo activado: os verbos prefixados com *a-* e *en-* apresentam normalmente uma polaridade final (cf. *aprisionar*, *engarrafar*), enquanto os prefixados com *es-* se caracterizam geralmente por ser de polaridade inicial (cf. *espiar*, *esladroar*). A mudança processa-se, nos primeiros, no sentido do lugar final, enquanto, nos segundos, é o lugar inicial do evento que é focalizado. Em todo o caso, ao contrário dos seus homólogos não prefixados, os verbos formados por prefixação heterocategorial designam situações *delimitadas* e/ou *télicas*, donde se pode deduzir que a

²¹ Cf. CUNHA e CINTRA (1994: 102), ALI (1964: §1245, §1246, §1248), VASCONCELOS (1912: 84-85), PIEL (1976: XXVI).

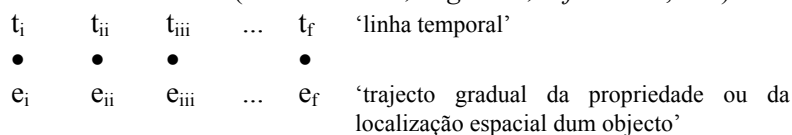
²² Cf. DIEZ (1874: 388-389), VILELA (1994: 115-117), ALI (1964: § 1287).

²³ Deve-se a Boons (cf. 1985; 1987) a introdução da noção de “POLARIDADE ASPECTUAL”. A polaridade dum verbo é definida como ‘final’ se a informação nuclear do verbo remete unicamente para o estado final das coisas (E_f), ‘inicial’ se remete unicamente para o estado inicial (E_i), e ‘medial’ se remete para o processo medial (E_m).

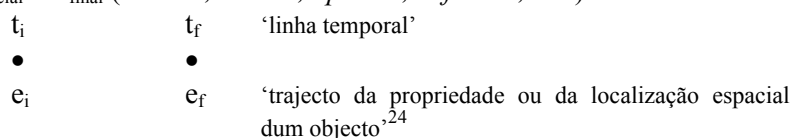
presença/ausência de prefixo tem implicações no carácter delimitado ou não do processo descrito pelo verbo.

Do ponto de vista aspectual, os Eventos denotados pelos verbos denominais prefixados com *a(d)-*, *en-* e *es-* podem-se ainda subdividir em dois grupos, de acordo com a sua estrutura temporal:

I. ACCOMPLISHMENTS: eventos nos quais há mais do que dois átomos de tempo no traço temporal, i.e., em que entre o momento inicial (t_i) e o momento final (t_f) existem ou são concebíveis vários momentos intermédios (cf. *amuralhar*, *engraxar*, *esfarinhar*, etc.).



II. ACHIEVEMENTS: eventos que contêm apenas dois momentos: $T_{inicial}$ e T_{final} (*aterrar*, *alunar*, *aportar*, *enforçar*, etc.).



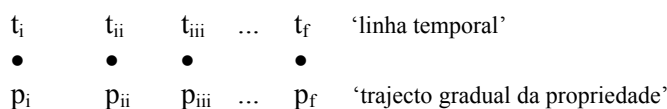
Nos verbos deadjectivais, a distinção entre *accomplishments* e *achievements* está directamente relacionada com a classe semântica da base adjectival a partir da qual os verbos são formados. Comparem-se para o efeito as frases (10) e (11):

(10) Os morangos *avermelham* pela acção do sol.

(11) A Maria *enviuvar* muito nova.

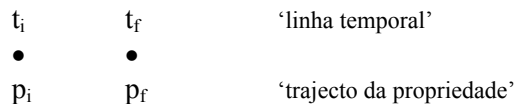
Formados a partir de adjectivos de classes semânticas diferentes, graduável e não graduável respectivamente, os verbos *avermelhar* e *enviuvar* são dotados de estruturas temporais distintas: *avermelhar* é um verbo dotado de uma estrutura temporal onde se reconhecem vários momentos conceptuais e um distinto momento final; já o verbo *enviuvar* apresenta uma estrutura temporal onde se reconhecem apenas dois momentos, um 'momento inicial' (t_i) e um distinto 'momento final' (t_f). Esquematicamente, estes dois tipos de verbos podem ser representados do seguinte modo:

(12) *Avermelhar*



(13) *Enviuvar*

²⁴ Sobre a distinção que é feita entre *accomplishments* e *achievements* veja-se RAMCHAND (1997: 130).



A natureza da mudança que as noções de *accomplishment* e *achievement* implicam depende, portanto, da natureza semântica [$\pm$ graduável] da base adjectival. Podemos, então, concluir que os verbos derivados de *adjectivos graduáveis* (cf. *avermelhar*, *aclarar*, *encurtar*, *entortar*, *esquentar*) pertencem à classe aspectual dos ‘*accomplishments*’; por sua vez, os verbos derivados de *adjectivos não graduáveis* (cf. *anular*, *enviuvar*, *esmochar*) são tipicamente ‘*achievements*’.

CONCLUSÃO

Embora os prefixos *a(d)-*, *en-* e *es-* pareçam, em alguns casos, ser opcionais, o seu uso não é irrelevante, nem a sua activação indiscriminada, desempenhando um duplo papel na construção do verbo derivado: (i) de material formal utilizado pela regra de formação de palavras e (ii) de formatador morfo-fonológico, sintáctico-semântico e aspectual dos produtos genolexicais. Possuidores de propriedades funcionais próprias, estes prefixos influem decisivamente na composicionalidade dos produtos genolexicais em que ocorrem, sendo a presença/ausência do operador prefixal (cf. *segurar/assegurar*, *testar/atestar*, *fixar/afixar*, *forçar/esforçar*) ou a oposição entre operadores prefixais (cf. *enterrar/aterrar*, *enfarinhar/esfarinhar*, *avinagrar/envinagrar*) um factor determinante para a distinção entre produtos derivacionais, não apenas a nível morfológico, mas também a nível semântico-pragmático, sintáctico e aspectual. Os produtos prefixados e os não prefixados não têm necessariamente o mesmo semantismo, nem a mesma utilização pragmático-enunciativa. Para além disso, os verbos derivados por prefixação heterocategorial são preferencialmente verbos **transitivos e télicos**, ao contrário dos não prefixados (cf. *aplanar* vs *planar*).

BIBLIOGRAFIA

- ADOUANI, Abdellatif (1995) – *La morphologie est-elle la syntaxe des mots?* In: *Linguisticae Investigationes* XIX:1, p.1-13.
- ALCOBA RUEDA, Santiago (1987) – *Los parasintéticos: constituyentes y estructura léxica*. In: *Revista Española de Lingüística*, año 17. Fasc. 2 (Julio - Diciembre), p.245-267.
- ALI, Manuel Saïd (1964) – *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3ª edição melhorada e aumentada de *Lexeologia e formação de palavras e sintaxe do português histórico*. Estabelecimento do texto, revisão, notas e índices pelo Prof. Maximiano de Carvalho e Silva. S. Paulo, Edições Melhoramentos.
- BASÍLIO, Margarida e Helena MARTINS (1996) – *Verbos denominais no português falado*. In: INGEDORE G. VILLAÇA KOCK (org.), *Gramática do Português Falado*, Vol. VI: *Desenvolvimentos*, Campinas, Editora da Unicamp/ Fapesp, p.371-391.
- BOGACKI, Christophe (1988) – *Les verbes à argument incorporé en français*. In: *Langages* 89 (mars 88), p.7-26.
- BOOIJ, Geert & Ton van HAAFTEN (1988a) – *La syntaxe externe des mots dérivés*. In: *Lexique* 7, Presses Universitaires de Lille, p.101-120.
- BOOIJ, Geert & Ton van HAAFTEN (1988b) – *The external syntax of derived words: evidence from Dutch*. In: GEERT BOOIJ & TON VAN HAAFTEN (eds.), *Yearbook of morphology*, Dordrecht – Holland / Providence RI – U.S.A., Foris Publications, p.29-44.
- BOOIJ, Geert (1992) – *Morphology, semantics and argument structure*. In: I. M. ROCA (ed.), *Thematic structure. Its role in grammar*. Berlin / New York, Foris Publications, p.47-64.
- BOONS, Jean-Paul (1985) – *Préliminaires à la classification des verbes locatifs: Les compléments de lieu, leurs critères, leurs valeurs aspectuelles*. In: *Linguisticae Investigationes* IX:2, p.195-267.
- BOONS, Jean-Paul (1987) – *La notion sémantique de déplacement dans une classification syntaxique des verbes locatifs*. In: *Langue Française* 76, p.5-40.
- CABRÉ I CASTELLVÍ, M. Teresa (1988) – *La prefixació en català*. In: JOHN J. STACZEK (ed.), *On spanish, portuguese, and catalan linguistics*, Washington, D.C., Georgetown University Press, p.47-62.
- CARVALHO, José G. Herculano de (1984a) – *Atualizadores léxicos*. In: *Estudos Linguísticos*, Vol. 3. Coimbra, Coimbra Editora, p.5-26.
- CARVALHO, José G. Herculano de (1984b) – *Teoria da linguagem. Natureza do fenómeno linguístico e análise das línguas*. Tomo I e II, 4ª reimp., Coimbra, Coimbra Editora.
- CORBIN, Danielle (2000) – *French (Indo-European: Romance)*. In: G. BOOIJ, C. LEHMANN & J. MUGDAN (Eds.), *Encyclopédie Internationale de Morphologie*, Article 121, Berlin, Walter de Gruyter, (en publication).
- CORBIN, Danielle (1997) – *La représentation d'une "famille" de mots dans le "Dictionnaire dérivationnel du français" et ses corrélats théoriques, méthodologiques et descriptifs*. In: *Cahiers de Linguistique de Vincennes* 26, p.5-37.
- CUNHA, Celso e Luís F. Lindley CINTRA (1994) – *Nova gramática do português contemporâneo*. 10ª edição, Lisboa, Edições João Sá da Costa.
- DI SCIULLO, Anne-Marie (1991) – *Modularity and the mapping from the lexicon to*

- the syntax*. In: *Probus* 2.3., p.257-290.
- DIEZ, F. (1874) – *Grammaire des langues romanes*. 3ª ed. (T.II), Paris, A. Franck.
- GRÁCIA I SOLÉ, Lluís (1995) – *Morfologia lèxica. L'herència de l'estructura argumental*. València, Universitat de València.
- GROSSMANN, Maria (1994) – *Opposizioni direzionali e prefissazione: analisi morfologica e semantica dei egressivi prefissati con des- e es- in catalano*. Padova, Unipress.
- HALE, K. e S. J. KEYSER (1993) – *On the argument structure and the lexical expressions of syntactic relations*. In: K. HALE & S. J. KEYSER (orgs.), *The view from building 20. Essays in linguistics in honour of Sylvain Bromberger*, Cambridge, Mass., MIT Press, p.53-109.
- LEVIN, Beth and Malka RAPPAPORT HOVAV (1994) – *A preliminary analysis of causative verbs in english*. In: *Lingua* 92, North-Holland, p.35-77.
- LIEBER, Rochelle (1992) – *Deconstructing morphology: word formation in syntactic theory*, Chicago and London, The University of Chicago Press.
- LIEBER, Rochelle (1997) – *Lexical semantics, mapping in and from the lexicon, and the internal structure of words*. In: GABRIELA MATOS *et al.* (ed.), *Interfaces in linguistic theory*. Selected papers from the *International Conference on Interfaces in Linguistic* (Porto, November 13-17, 1995), Lisboa, Edições Colibri/Associação Portuguesa de Linguística, p.221-240.
- PEREIRA, Rui Abel Rodrigues (2000) – *Formação de verbos em português: a prefixação com a(d)-, en- e es-*. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa apresentada à Universidade de Coimbra. Coimbra (policopiada).
- PIEL, Joseph M. (1976) – *Formação de palavras*. In: ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, *Dicionário da Língua Portuguesa*, Vol. I. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p.XXII-XXVIII.
- PUSTEJOVSKY, James (1998) – *The generative lexicon*. Cambridge, Massachussets/ London, England, The MIT Press.
- RAMCHAND, Gillian Catriona (1997) – *Aspect and Predication. The Semantics of Argument Structure*, Oxford, Clarendon Press.
- RAPPAPORT, Malka; Beth LEVIN; Mary LAUGHREN (1988) – *Niveaux de représentation lexicale*. In: *Lexique* 7, Presses Universitaires de Lille, p.13-32.
- RIO-TORTO, Graça Maria (1994) – *Formação de verbos em português: parassíntese, circunfixação e/ou derivação?*. In: *Actas do IX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (Coimbra, Faculdade de Letras, 29-31 de Outubro de 1993). Lisboa, Edições Colibri, p.351-362.
- RIO-TORTO, Graça Maria (1998) – *Padrões de formação de verbos em português*. In: *Revista Portuguesa de Filologia*, XXII, p.293-327.
- ROEPER, Thomas (1988) – *Arguments implicites et la relation tête-complément*. In: *Lexique* 7, P.U.L., p.121-141.
- SANDMANN, Antônio José (1989) – *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba, Scientia et Labor, Editora da UFPR - Ícone Editora.
- SCALISE, Sergio (1984) – *Morfologia Lessicale*. Padova, CLESP Editrice.
- SERRANO DOLADER, David (1995) – *Las formaciones parasintéticas en español*, Madrid, Arco Libros.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de [1912] – *Lições de filologia portuguesa*. Lisboa, Dinalivro.
- VILELA, Mário (1994) – *Estudos de lexicologia do português*, Coimbra, Livraria

Almedina.

- VILLALVA, Alina (1995) – *Configurações não-binárias em morfologia*. In: *Actas do X Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (1994), Lisboa, Colibri, p.583-597.
- VILLALVA, Alina (1998) – *Identidade das estruturas morfológicas*. In: *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza* (Università di Palermo, 18-24 settembre 1995), Sezione 2: *Morfologia e sintassi delle lingue romanze*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, p.861-866.
- VILLALVA, Alina (2000) – *Estruturas morfológicas. Unidades e hierarquias nas palavras do português*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- WILLEMS, D. (1979) – *Syntaxe, morphosyntaxe et sémantique. Les verbes dérivés*. In: *Cahiers de lexicologie*, vol. XXXV, 1979-II, p.3-25.
- WILLIAMS, E. (1981) – *On the notions “lexically related” and “head of a word”*. In: *Linguistic Inquiry* 12, p.245-274.
- ZUBIZARRETA, M.-L. (1987) – *Levels of representation in the lexicon and in syntax*, Dordrecht, Foris.
- ZWANENBURG, Wiecher (1998) – *La distribution des catégories lexicales en morphologie française*. In: *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Sezione 2: *Morfologia e sintassi delle lingue romanze*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, p.867-874.